O ABISMO PSICOLÓGICO DE PESSOA E A RELIGIOSIDADE DE GOETHE NA CRIAÇÃO DO FAUSTO.

Débora Domke Ribeiro Lima (USP)

Na última cena do *Fausto II*, "Furnas montanhosas, Floresta, Rochedo", Margarida reaparece para interceder por Fausto juntamente com a figura sagrada da *Mater Gloriosa.* A virgem é a imagem sagrada da mulher que vivia à margem dos dogmas religiosos e era cultuada pelos homens.

A figura feminina representa de forma concreta e ativa por Goethe é diluída na obra de Fernando Pessoa. Maria, com quem o protagonista dialoga, pode ser entendida como uma segunda consciência de Fausto, representada pela voz feminina, ou até mesmo um delírio provocado pela angústia de entender o que é o amor. O protagonista, em um de seus delírios, faz um pedido à sua amada:

> Reza por mim!
> Reza por mim! A mais não me enterneço.
> Só por mim mesmo sei enternecer-me
> Sob a ilusão de amar e de sentir
> Em que forçadamente me detive.
> Reza por mim, por mim! Eis a que chega
> A minha tentativa a querer amar (PESSOA, 1991, p.101).

O pedido para que a amada reze por ele, coloca em xeque o ateísmo pessoano e relaciona a figura feminina ao sagrado. De forma concreta, as duas figuras femininas de Margarida e *Mater Gloriosa,* apresentam características do universo sagrado e profano de forma a diminuir o antagonismo que há entre os conceitos de pecado e salvação. Foi permitida a Margarida, condenada à morte pelo infanticídio, a salvação, e ela retorna no *Fausto II,* intercedendo pela redenção do amado: "Inclina, inclina, / Ó Mãe Divina, / À luz que me ilumina, / O dom de teu perdão infindo! / O outrora-amado / Já bem-fadado, / Voltou, vem vindo" (GOETHE, 2007, v. 12.069 – 12075).

A imagem da ascensão do Fausto de Goethe é bem representada pelos elementos cenográficos: "espaços místicos, mas que ao mesmo tempo encenam, em outro plano de

significado, uma espécie de coreografia ‘metereológica’ em que Goethe buscou vazar concepções científicas relativas às formações e metamorfoses das nuvens” (MAZZARI, 2007, p. 13).

O mesmo não acontece com o protagonista de Pessoa, uma vez que ao ler o texto, tem-se a nítida impressão da plasticidade dos personagens, como se fossem apenas vozes, espectros, possíveis memórias que ainda irão (ou não) se concretizar.

O cenário elaborado por Goethe serve como pano de fundo para a primeira descrição do amor, pronunciada pelo Coro e Eco:

> Freme o verdor na serra,
> Crava-se a rocha em terra,
> Silva à raiz se aferra,
> Mata alta mata encerra.
> Jorra a onda da onda oriunda,
> Sombra em caverna afunda.
> Mansos, com passo amigo,
> Rondam leões nosso abrigo,
> Sítio a orações votado,
> Cume do amor sagrado
> (GOETHE, 2007, v. 11844 – 1853).

Em Goethe, o amor é capaz de agir e transformar: “Assim é o onipotente amor / Que tudo cria, tudo opera” (GOETHE, 2007, v. 11872 e 11873). E, por último, chega a alcançar o etéreo: “E se lhe houvera haurir de cima, / Do amor a graça infinda, / Dele a suma hoste se aproxima / Com franca boa-vinda” (GOETHE, 2007, v. 11938 – 11941). E é esse amor que irá fazer com que Fausto seja salvo e que possibilita a Margarida, na cena “Cárcere”, clamar por sua salvação: “A ti me entrego, celeste Poder!” (GOETHE, 2004, v. 4606).

E assim é construído o momento da ascensão da alma de Fausto: as figuras masculinas são as que proclamam e cultuam a imagem da Virgem junto a Margarida.

As definições, portanto, transitam pelas faces da salvação e da destruição: “De anjos maus limpou-se a arena; / Em vez de ânsias da Geena, / Os feriu amor mordaz, / Até o Mestre-Satanás / Em pungente amor soçobra / Jubilai! findou-se a obra!” (GOETHE, 2007, v. 11948 – 11953).

Erich Trunz comenta que “a imagem da cena mostra montanha e árvores, eremitas e anjos suspensos, é uma imagem na qual o movimento vertical é especialmente destacado.” (TRUNZ, 2005, p. 730). Essa estrutura do cenário e da reelaboração dos personagens celestiais (uma vez que Goethe utiliza o universo católico sob uma visão inovadora e particular) pode ser vista sob a perspectiva da polaridade dos

conceitos. Tendo-se em mente que para o escritor os opostos não são contrários, mas sim polares, é possível compreender que o universo de significado da palavra "amor" também não pode estar fixado em uma única chave. Basta lembrar o diálogo de Sócrates e Agatão, n*O Banquete,* a respeito do que disse Diotima:

> Não fiques, portanto, forçando o que não é belo a ser feio, nem o que não é bom a ser mau. Assim também o Amor, porque tu mesmo admites que não é bom nem belo, nem por isso vás imaginar que ele deve ser feio e mau, mas sim algo que está, dizia ela, entre esses dois extremos (PLATÃO, 2006, p. 145).

A figura feminina, portanto, representa tanto a força desestabilizadora, como a intercessora da salvação. Em Pessoa, podemos perceber a salvação não existe, uma vez que não se tem certeza nem do pecado e nem do amor. A sua principal angustia está centrada na ausência de definições. O sentimento que poderia nutrir por Maria, que nesse caso ocuparia o lugar de Margarida, é impossível de ser vivido porque ele, enquanto Fausto, não tem a possibilidade de amar: "Para poder amar eu precisava / Esquecer que sou Fausto /o pensador/" (PESSOA, 1991, p. 90).

Nas anotações de Fausto, Pessoa explica sobre a desilusão do protagonista, mostrando ao leitor dois aspectos que o afligem em relação ao amor:

> 1) Verifica, no facto de que Maria o ama em parte sem saber porquê e em parte por qualidades que lhe supõe e ele não tem, que o amor é coisa que não se pode querer compreender e entre o qual e ele há um abismo profundíssimo; 2) verifica, na sua incapacidade não só de compreender o amor, como até de o sentir ou, talvez melhor, de se sentir sentindo-o, que esse abismo que existe entre ele e o amor começa por ser um abismo que existe entre ele e ele próprio (PESSOA, 1991, p. 99).

Mais uma vez se confirma a tese da tragédia interior, em que se destacam como temas principais os conceitos de amor e religião, presentes no desenvolvimento das reflexões e inquietações de Fausto. O próprio nome dado à sua amada, Maria, nos remete à figura da mãe, figura religiosa por excelência. A contradição permeia quase completamente o Fausto de Pessoa: a negação e a afirmação constante da existência ou não de Deus e sua inquietação em relação ao amor:

> De vez em quando surge-me nos lábios
> Uma canção de amor e, instintivo,
> Nela choro uma amada morta. Sim.
> É a noiva eterna morta de um eu
> Que não soube amar (PESSOA, 1991, p. 88).

A citação abre espaço para a investigação sobre a impossibilidade contraditória de Fausto em vivenciar o amor. Ao negá-lo várias vezes durante sua fala, ele poderia afirmar o amor, ainda que de forma inconsciente. A figura feminina, tanto em Goethe como em Pessoa, aparece atrelada ao sagrado. O protagonista recorre a ela, na tentativa de um dia poder amar. A existência de Deus é colocada em questão ao longo de suas reflexões: "Pode Deus existir mas não ser Deus; / Transcendente mentira realmente / Existindo e cercando-nos, / O único Horror de um mistério maior (PESSOA, 1991, p.22).

Nota-se, portanto, que as contradições que permeiam as indagações no *Fausto* de Pessoa são colocadas de forma mais interiorizada e contraditória do que em Goethe. As figuras femininas responsáveis pela salvação do *Fausto* de Goethe são concretas e levam-no para a salvação. De forma paradoxal, o Fausto de Pessoa não se configura nem como um personagem concreto e muito menos tem a capacidade de interagir com o universo e feminino em busca de salvação.

O universo introspectivo de Fernando Pessoa, que oscila entre a afirmação da não existência de Deus: "E não poder gritar / A Deus – que Deus não há – pedindo alívio! (PESSOA, 1991, v. p.27) e a impossibilidade de amar: "Minha alma fria, meu coração frio! / Aquilo é amor... Eu, pois, nunca amarei..." (PESSOA, 1991, p.103).

A introspecção que reina no *Livro do Desassossego* é a mesma que permeia a composição do Fausto de Pessoa. A solidão e o horror de deparar-se com a realidade são os conflitos que o herói enfrenta ao longo do poema, sem conseguir e nem mesmo almejar sair de sua subjetividade, o oposto do Fausto goetheano, que lida com conflitos internos e externos a ele, conseguindo sua salvação por meio da interseção religiosa.

A obra de Pessoa convida o leitor a adentrar na profundidade psicológica de sua criação, buscando trazer à tona angústias universais: a incerteza da salvação, o sofrimento como mote da existência, a morte como certeza maior em relação à existência humana e a religião, enquanto questionamento sobre a existência ou não de Deus e da nossa salvação.

São essas questões que nos convidam a participar da aventura desse Fausto introspectivo, que dialoga com o Fausto de Goethe, inovando na forma como a constituição do personagem é elaborada: a indefinição de fronteiras entre o protagonista, sua amada (e também antagonista), o amor e o sofrimento.

Referências

BARRENTO, João (org.): *Fausto na literatura européia.* Lisboa: Ensaio, 1984.

BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

BAUSINGER, Hermann. *Max Lüthi. Das europäische Volksmärchen – Volksmärchen und Volkssagen*. In: Wirkendes Wort. Deutsches Sprachschaffen in Lehre und Leben. Düsseldorf: Pädagogischer Verlag Schwann, 12 Jahrgang S.377-379, 1962.

BENJAMIN, Walter. *Ensaios reunidos: escritos sobre Goethe*. Trad. Mônica Krausz Bornebusch, Irene Aron e Sidney Camargo; supervisão e notas de Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2009.
_____ O narrador. In *Os pensadores*, vol. XLVIII. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

BINSWANGER, Hans Christoph. *Dinheiro e magia: uma crítica da economia moderna à luz do Fausto de Goethe*. Trad. Maria Luiza X. De A.Borges, Trad. dos versos de Goethe Marcus Vinicius Mazzari; prefácio e posfácio "Fausto e tragédia do desenvolvimento brasileiro" por Gustavo H. B. Franco. - Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

CAVALCANTI, Geraldo Holanda. *O Cântico dos Cânticos: um Ensaio de Interpretação através de suas Traduções*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

FREUD, Sigmund. Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud: Volume XVIII: *Além do Princípio do Prazer*, Psicologia do Grupo e Outros Trabalhos (1920 - 1922). Rio de Janeiro: IMAGO, 1996.

GALLE, Helmut; MAZZARI, Marcus. *Fausto e a América Latina.* São Paulo: Humanitas, 2010.

GIMBER, Arno. Zwischen Dämonisierung und Heiligkeit: Margarete als Kontrastfigur in Goethes *Faust.* In: *Goethes Faust I – zwischen Tradition und Modernität.* Strasbourg: Presses Universitaires, 2010.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *As Afinidades Eletivas*. Tradução Erlon José Paschoal; introdução e notas de Kathrin Holzermayr Rosenfield. São Paulo: Novalexandria, 1998.

_____*Fausto - Uma tragédia (Primeira parte*); Trad. Jenny Klabin Segall. São Paulo: Ed. 34, 2004.

_____*Fausto - Uma tragédia*. (*Segunda parte*); Trad. Jenny Klabin Segall. São Paulo: Ed. 34, 2004.

_____*Fausto.* Tradução, Introdução, Glossário: João Barrento. Lisboa: Relógio D´Água Editores, 2013.

HENNING, Hans. Die Entstehungsgeschichte von Goethes Faust-Dichtung. In: *Faust-Variationen. Beiträge zur Editionsgeschichte vom 16. bis zum 20. Jahrhundert*. München; K.G.Saur Verlag, 1993.

HUCKE, Karl-Heinz. Figuren der Unruhe: Faustdichtungen. Tübingen: Niemeyer, 1992.

IRIARTE, Rita. Fausto: A História, a Lenda e o Mito. In: João Barrento (Org.) *Fausto na Literatura Europeia.* São Paulo: Ed. Ensaio, 1984.

JAEGER,Michael; KOBERG,Roland; STEGEMANN,Bernd;THOMSEN,Henrike(Hg.). *Verweile doch – Goethes Faust heute*. Die Faust-Konferenz am Deutschen Theater und Michael Thalheimers Inszenierungen. Berlin: Henschel Verlag, 2006.

KELLER, Werner. *Johann Wolfgang Goethe. Urfaust, Faust – Ein Fragment, Faust – Eine Tragödie. Paralleldruck der drei Fassungen.* Frankfurt am Main: Insel Verlag, 1985.

LOURENÇO, Eduardo. Fausto ou a Vertigem Ontológica. In: *Fausto, Tragédia Subjectiva.* Edição de Teresa Sobral Cunha. Lisboa: Relógio D´Água, 2013.

LUKÁCS, Georg. *Goethe und seine Zeit*. Berlim, Aufbau-Verlag, 1950.

LUHMANN, Niklas. *O amor como paixão. Para a Codificação da Intimidade.* Lisboa, DIFEL1991.

MARLOWE, C. Fausto. São Paulo: Editora Hedra, 2006.

MAZZARI, Marcus Vinicius. A confissão amorosa do jovem Goethe. In: Maria Augusta Fonseca. (Org.). *Olhares sobre o romance.* São Paulo: Nankin Editorial, 2005, v. 1, p. 51-66.

_____ *Labirintos da Aprendizagem*. Pacto fáustico, romance de formação e outros temas da literatura comparada. São Paulo: Ed. 34, 2010.

_____ *Romance de formação em perspectiva histórica - O Tambor de Lata de Günter Grass*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

_____ *Natureza ou deus: afinidades panteístas entre Goethe e o "brasileiro" Martius.* In: Estudos Avançados 24 São Paulo: (69), p. 183-202, 2010.

MOURA, Magali dos Santos. *O todo e o fragmento : intersecções entre o Classicismo de Weimar e o Romantismo de Jena.* In: Revista Brasileira de Estudos Germanísticos, Rio de Janeiro, v. VI, p. 52-67, 2002.

OSTERKAMP, Ernst. Amor e violência: a natureza de Fausto. In: *Fausto e a América Latina.* São Paulo: Humanitas, 2010.
PAZ, Octavio. *A dupla chama. Amor e erotismo.* Trad. Wladyr Dupont. São Paulo: Siciliano,1994.

PÉRET, Benjamin. *Amor Sublime*. Trad. Sérgio Lima e Pierre Clemens. São Paulo: Brailiense, 1985.

PESSANHA, José Américo Motta. Platão: as várias faces do amor. In: Adauto Novaes. (Org.). *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PESSOA, Fernando. Fausto: tragédia subjectiva: (fragmentos). Estabelecimento do texto, ordenação, notas à edição e notas Teresa Sobral Cunha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

PESSOA, Fernando. *Fausto, Tragédia Subjectiva*. Edição de Teresa Sobral Cunha. Lisboa: Relógio D´Água, 2013.

PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PESSOA, Fernando. *Primeiro Fausto*. Organização e introdução de Duílio Colombini. São Paulo: Iluminuras, 1996.

PLATÃO. *O banquete, ou, Do amor*. Tradução, introdução e notas do Prof. J. Cavalcante de Souza. Rio de Janeiro: DIFEL, 2006.
ROß, Werner. *„Vorspiel auf dem Theater“ und „Prolog im Himmel“. Eine Anleitung zum genauen Lesen*. In: Wirkendes Wort Deutsches Sprachschaffen in Lehre und Leben. Pädagogischer Verlag Schwann. Düsseldorf, 12. Jahrgang, S. 237-243, 1962.

ROUGEMONT, Denis de. *História do Amor no Ocidente.* São Paulo: Ediouro, 2003.

SCHÖNE, Albrecht. *Johann Wolfgang Goethe Faust*. Kommentare. Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker Verlag, 1994.

SCHÜLER, Donaldo. *Eros: dialética e retórica*, São Paulo: Edusp, 1992

SCHMIDT, Jochen. *Goethes Faust, Erster und Zweiter Teil: Grundlagen - Werk - Wirkung*. München: Beck, 2001.
SILVA, Maria Helena Gonçalves da. O Fausto de Goethe. In: João Barrento (Org.) *Fausto na Literatura Europeia.* São Paulo: Ed. Ensaio, 1984.

SOUZA, J. Cavalcante de. As grandes linhas da estrutura do Banquete. In: *O Banquete*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2006.

SPONVILLE, André Comte. *Pequeno tratado das grandes virtudes.* São Paulo: Martins Fontes, 1999.

STENDHAL. *Do Amor*. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
STROBACH, Hermann. *Volkslieder gesammelt von Johann Wolfgang Goethe*. Weimar: Hermann Böhlaus Nachfolger, 1982.

TRUNZ, Erich. *Goethe Faust*. Der Tragödie erster und zweiter Teil. München: Beck, 1986.

VALÉRY, Paul. *Meu Fausto.* Introdução, Tradução e Notas de Lídia Fachin e Sílvia Maria Azevedo. Cotia: Ateliê Editorial, 2011.